

O ENSALAMENTO COMO MÉTODO ORGANIZATIVO DA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DO PIBID/UFPR.

Izadora Fernanda Gomes Prates¹
Yanina Micaela Sammarco²

RESUMO

O presente estudo partiu da observação e atuação dentro do PIBID Interdisciplinar/UFPR, entre os anos de 2025 e 2026, a partir do cotidiano escolar em diversos contextos do programa. O objeto de estudo e análise é o método de ensalamento (ou mapa de sala) como estratégia organizativa da sala de aula. A partir de uma abordagem metodológica qualitativa, foi utilizado o levantamento bibliográfico e a observação participante para a análise dos dados. Vários/as autores foram estudados para trazer luz às discussões das observações, como por exemplo, a pedagogia histórico-crítica, os aspectos conservadores da educação, a educação emancipatória e outros. Entre os resultados, analisa-se o ensalamento como uma possibilidade de se tornar uma ferramenta de controle, reflexo do autoritarismo enraizado na cultura escolar, mesmo em instituições não militarizadas. A prática de organizar as/os alunas/os para “coibir conversas” e a “desordem” associa-se, muitas vezes, a uma lógica punitiva, na qual o/a professor/a pode acabar assumindo um papel autoritário desproporcional e a escola, uma dinâmica repressora. Ainda, destaca-se a complexidade do ambiente escolar numa conjuntura atual de intensa precarização da educação e da profissão docente. Este trabalho também apresenta em sua discussão, outras propostas metodológicas como a interdisciplinaridade, a ambientalização escolar e a decolonialidade como instrumentos para enfrentar os desafios da organização da sala de aula e poder atuar a partir de outras perspectivas educadoras mais acolhedoras, respeitosas e justas. Para tanto, se fez necessário uma análise crítica dos caminhos da educação e do arranjo do espaço, currículo e gestão escolar.

Palavras-chave: Ensalamamento, Mapa de sala, Precarização, Metodologias, PIBID.

1 Graduada do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná - UFPR, izadoraprates@ufpr.br;

2 Docente UFPR, Coordenadora PIBID, Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Autônoma de Madrid, Espanha e pela ESALQ/USP, yanina@ufpr.br

Obs: Este trabalho faz parte do PIBID



INTRODUÇÃO

Para compreendermos o hoje, é preciso retornar ao passado, pois este, ilumina o presente ao demonstrar através do método científico dentro do materialismo histórico dialético, quais foram as ocorrências que levaram até os fenômenos em análise. Destrinchar a origem da forma e o conteúdo das instituições de ensino e seus reflexos na atualidade do século XXI possibilita o pensar e agir - a práxis - para as mudanças necessárias. Para que avancemos nas elaborações sobre "o papel da escola" e quais os caminhos devemos seguir, observa-se como necessário explicitar como as ações cotidianas do dia a dia escolar, em seus microcosmos, fazem parte dos macrocosmos do sistema educacional e social como um todo e a partir daí, dialogar novas possibilidades transformadoras.

O método de ensalamento ou mapa de sala consiste na reorganização da disposição dos/das estudantes com base nos critérios estabelecidos pelos/as docentes. Em suma, o objetivo geralmente é conter as interações sociais consideradas “demasiadas” e a “desordem”. Tal organização tem influências antigas e profundas e não é ausente de ideologias e propósitos, embora em muitos cenários, é a forma possível que educadores e educadoras encontram de cumprirem com as excessivas demandas escolares. Dialogar sobre como as condições atuais da educação brasileira impactam no aplicar de novas possibilidades educadoras é também central nesse debate. Afinal, as propostas metodológicas precisam ser coerentes com a realidade da profissão docente, sem ilusões de mitigações. Assim, neste trabalho também está posto que há uma necessidade de discutir possíveis soluções aos problemas de fundo, da estrutura complexa e arquetada do sistema educacional. Aqui, estende-se-e o convite destas importantes discussões aos educadores e educadoras que resistem cotidianamente e em meio às turbulências encontram pequenas formas de resistências cotidianas.

Este relato de experiência, de abordagem qualitativa em suas análises (MINAYO, 2001), foi desenhada a partir dos pressupostos do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórico-crítica. Tem como principal objetivo compreender o fenômeno educativo em suas pluralidades, considerando suas contradições e seu movimento histórico.

Conforme Saviani (2025), a pedagogia histórico-crítica tem como compromisso a transformação da realidade social por meio da educação, o que exige do/da pesquisador/a um olhar crítico sobre as práticas observadas, estudando e pesquisando no destrinchar dos fenômenos para compreender sua essência. Além disso, o caminho metodológico percorrido



incluiu levantamentos bibliográficos e a observação participante. O levantamento bibliográfico fundamentou-se na obra de autores que desbravam a temática apresentada, o que permitiu a construção de um referencial teórico sólido para a análise das observações. Foram estudados, entre outros, Paulo Freire (1983), Dermeval Saviani (2011), Michel Foucault (1987) e Karl Marx (2011, p176). A observação participante foi realizada no âmbito das vivências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), durante o período de fevereiro de 2025 até março de 2026, em escolas da rede básica de ensino na cidade de Curitiba/PR. Os dados coletados por meio de tais observações foram registrados nos relatórios de campo do projeto e foram respeitados todos os princípios éticos que regem a pesquisa em educação, assegurando o anonimato dos/das sujeitos envolvidos e a não exposição de suas identidades.

O PASSADO REVELA O PRESENTE

Os registros históricos sobre educação datam a criação de espaços destinados à transmissão e produção do conhecimento no século XII. Na Grécia, neste período, apenas uma pequena parcela da sociedade podia frequentar estes espaços. Já em meados do século XV, se encontram registros do modelo organizativo utilizado: a figura do professor frente aos estudantes enfileirados em mesas largas (FREITAS, 2022). A ampliação das instituições de ensino tem como uma de suas bases o catolicismo europeu do século XVI, período em que se buscava acelerar a catequização e por isso, se instauram instituições onde os ensinamentos cristãos fossem transmitidos - e impostos - de maneira sistematizada e para um maior número de pessoas. Assim, se dá sequência no elaborar do formato organizativo do espaço escolar, influenciado pelo modelo grego, agora, com aspectos colonizadores. Nesse período o acesso à educação formal, ou seja, ensino religioso, filosófico e científico, era restrito somente às elites, enquanto os colonizados e escravizados recebiam a doutrinação religiosa (RIBEIRO, 1986).

É no epicentro das reivindicações por um novo modelo de organização social que derrubasse o feudalismo do século XIX, na França, que as instituições de ensino ganham destaque nos debates. Havia uma dualidade após a revolução francesa: o alto clero católico e a classe burguesa - que acabara de assumir o poder estatal - eram contrários a implementação da escola pública e de livre acesso aos proletários, considerados indignos - tal como nos séculos anteriores. Por outro lado, o povo reivindicava acesso à educação formal, lida como essencial



para formação de cidadãos com direitos. A posição da burguesia passou a mudar a partir do interesse em manter o seu *status quo*, abafando as mobilizações das massas (MARX, 2011, p176; GARCIA, et al, 2017).

O que se traz à luz da análise nesse momento é o conteúdo educacional que passou a ser defendido pela burguesia: a escola deveria formar cidadãos de direitos e com deveres de servir ao estado - dominado pela ordem burguesa - que nesse período substituiu a igreja como ser soberano, “deus se torna a pátria” e o povo é formado como “cidadão-soldado” a serviço desta. Assim, o que ganha destaque no conteúdo é a propagação ideológica e moral da burguesia, e os conhecimentos filosóficos e científicos reivindicados pelo povo ficam em segundo plano (FOUCAULT, 1987; GARCIA, et al, 2017).

Zélia Leonel, pesquisadora e historiadora brasileira, sobre esta conformação das instituições de ensino nesse período, explica:

A unidade desse ensino moral, cívico e militar deverá desenvolver na criança o dever de honra, de amor à pátria; e o verdadeiro patriota é aquele que traz no seu coração o culto da pátria: que está decidido a sacrificar tudo por ela, mesmo a sua vida. A formação desse cidadão é a finalidade última da escola e todas as disciplinas deverão concorrer para esta educação (LEONEL, 1994, p. 207)

Por tanto, a implementação do ensino público, laico e obrigatório não são inertes de propósito de uma determinada formação cidadã, propaganda ideológica da classe burguesa e dos ideais colonizadores, pelo contrário, serviram ao seu projeto de dominação e tais reflexos são observados atualmente, como será discutido neste relato de experiência.

O educador brasileiro Paulo Freire (1921 - 1997) em suas análises fenomenológicas do ambiente escolar demonstra como na atualidade do século XXI não houve mudanças em tal conformação, pois as instituições de ensino ainda têm caráter de ferramenta da classe dominante. Apesar disso, Freire (2013) observa também o potencial transformador e emancipatório dos espaços educadores, o que também será resgatado no decorrer deste artigo. Ao traçar essa análise, não se está negando a relevância das escolas na construção dos conhecimentos, mas salientando que esse aspecto, por mais que seja importante, tende a se tornar secundário, e a repetição da lógica capitalista é evidente.

Como relatado anteriormente, já havia no início dos debates pela implementação e de qual seria a conformação das instituições de ensino. Isto é, o objetivo final é a formação de cidadãos-soldados, dispostos a manterem a nova forma de organização social (se convertendo ao militarismo e/ou não questionando a nova ordem), baseando-se na disciplina cega,



acriticidade e imposição ideológica, o mesmo maquinário colonizador (GARCIA, et al, 2017). O militarismo e o autoritarismo têm como papel silenciar a histórica disputa pelo modelo de organização social, servindo aos interesses da classe dominante - primeiro aos impérios e depois à burguesia - e reprimindo as revoltas populares. Através da propaganda ideológica se enraíza na sociedade a relação entre esses dois elementos e a manutenção da ordem, ou seja, de que as autoridades militares agem sobre os interesses do povo e de que o autoritarismo é necessário para evitar a desordem, mas apesar da propaganda, as entidades com esse caráter sempre se colocaram - e se colocam até hoje - contra as classes menos abastadas (SAVIANI, 2025; MARX, 2011. p176; FOUCAULT, 1987).

No contexto da ditadura militar, observa-se a repetição desses ideais sobre os mesmos pretextos. O sistema educacional brasileiro é demasiadamente influenciado pelo militarismo pelo período histórico de 1964 a 1985, como bem colocado por SILVA e colaboradores no estudo sobre o projeto das escolas cívico-militares no Brasil, de 2021, que traz o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM) ao centro do debate, em tal programa, a administração das instituições de ensino básico passa a ser realizada por militares. Assim, a manutenção da ordem social por meio das instituições de ensino - neste caso, nas que promovem o ensino básico - passa a adquirir métodos mais severos e disciplinadores.

Mesmo em escolas não militarizadas, observa-se esses reflexos, como analisado empiricamente através das vivências no programa PIBID. A organização da sala de aula em mesas enfileiradas já é, por si só, uma maneira de sistematizar e otimizar o trabalho pedagógico num sistema que preza pela produtividade, além de corroborar com aplicação da disciplina, como exemplifica Foucault (1987). Como já explicitado, a origem da conformação do ambiente escolar caminha pela colonização, dominação e manutenção do sistema social atualmente vigente. Assim, a forma e o conteúdo serão de grande impacto nos/nas estudantes, de tal modo que as características físicas dos espaços escolares são propensas a causar efeitos diversos no comportamento e na aprendizagem (GRAETZ, 2016). Através das contribuições de Foucault, Freire e Garcia, se reforça como corpos e mente são moldáveis, passíveis de adestramento e podem ser incumbidos à formação do cidadão-soldado pelo controle minucioso e constante do espaço, tempo e das normas de comportamento (FOUCAULT, 1987; FREIRE, 2013; GARCIA, et al, 2017). Foucault evidencia o funcionamento da tecnologia da disciplina e como esta tem por objetivo tornar os corpos "dóceis e úteis", agindo por meio de tal controle, realizado pelos padrões, que analogicamente relaciona-se com a figura do/a professor/a autoritário/a (FOUCAULT, 1987).



A PRÁXIS DO PRESENTE TRANSFORMA O FUTURO

[...] a sociedade civil até os seus movimentos mais insignificantes, desde os seus modos de existência mais universais até a existência privada dos indivíduos, em que esse corpo de parasitas adquire, em virtude da sua extraordinária centralização, um grau de onipresença, de onisciência, de acelerada capacidade de movimento e de reação que só tem analogia na impotente falta de autonomia, na disformidade desordenada do organismo social real (MARX, 2011. p176).

É aqui, que se traz as reflexões sobre a metodologia do ensalamento ou mapa de sala, como uma abordagem que pode acabar cumprindo com o propósito disciplinador para manter a ordem e formar o cidadão-soldado não participativo e acrítico. Os lugares determinados reforçam a vigilância e podem romper a comunicação, tão essencial no cenário do desenvolvimento psicossocial e da produção do conhecimento.

É muito importante pontuar que na escrita deste artigo não há nenhum aspecto de responsabilização individual de professores que usam o ensalamento como uma metodologia organizativa da sala de aula. Pelo contrário, busca-se expandir o diálogo e reflexões sobre o sistema educacional e social como um todo, a partir de ações cotidianas comuns que muitas vezes nos parecem inevitáveis e na qual todas as partes podem sofrer com as consequências.

A vivência realizada a partir do programa PIBID Interdisciplinar com abordagem decolonial, durante o período de 14 meses, em escolas estaduais da cidade de Curitiba/PR, permitiu observar o ensalamento ou mapa de sala sendo comumente aplicado especialmente em escolas à margem, que recebem menos orçamento e por tanto, as possibilidades de criação de novos espaços e atividades são limitadas. A aplicação de tal método gera tensão em sala de aula: de um lado, estudantes que repudiam a troca de lugares e sentem-se *reprimidos* e *silenciados*. Do outro, professores que precisam cumprir com as demandas do currículo escolar e estão sobrecarregados em decorrência da atual precarização da profissão docente, vendo o ensalamento, na maioria das vezes, como única possibilidade de seguir com a aplicação sistemática do conteúdo programático com uma turma em “ordem”.

Quais outros caminhos podemos seguir? Para dar andamento nessa discussão, é importante pontuar que aqui não há ilusões de que apenas uma mudança pontual na forma soluciona a problemática como um todo. Forma, conteúdo e propósito da educação precisam



ser repensados. A complexidade do sistema educacional exige mudanças estruturais, assim, também pensando nessa reorganização, discorre-se sobre algumas possibilidades.

A primeira e mais urgente no contexto atual pode ser, sem dúvidas, diminuir o número de estudantes por sala de aula. Embora o padrão de estudantes da rede básica seja de média 30 por turma - mas pode chegar a 38-, não há legislação vigente que preveja um número mínimo ou limite para todo o território nacional, sem especificidade sobre o tema na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9.394/96). Fica, portanto a critério dos territórios definirem um número máximo. Ter menos estudantes por professores, especialmente na rede básica, traz resultados valiosos por todo o processo educador, em suma, torna-se possível acompanhar com mais qualidade o caminhar da aprendizagem, facilitando a identificação de dificuldades individuais e coletivas, abre-se um grande leque de oportunidades para novas dinâmicas e metodologias em sala de aula e incentiva a participação dos/das educandos nestas (BERNARDO, 2024; DE MELO, 2017; DE PASSOS SOUZA, 2019; PINTOCO, 2017).

Embora haja certa frequência na discussão e nos estudos qualitativos sobre como quantidade excessiva de estudantes por professor/a impactam negativamente na aprendizagem e no aplicar de diferentes metodologias, não há avanços significativos no âmbito institucional. Ainda, com as reduções de orçamentos dos setores públicos escalonadas desde 2016, principalmente na educação, não há novos investimentos necessários para aplicar efetivamente a redução do número de estudantes por turma, que por sua vez acarreta a necessidade da contratação de mais professores e, mais profundamente, na abertura de novas escolas. É essencial pontuar que na atual conjuntura de cortes e ajustes de orçamento o processo de dá pelo caminho oposto: menos escolas, menos contratação de professores e mais estudantes por turma. Assim, é evidente a necessidade de mudanças estruturais.

Esta é uma problemática que precisa ser solucionada. Contudo, pensando nas formas de resistência cotidianas, discute-se aqui algumas sugestões e contribuições literárias sobre o tema em questão. As propostas aqui apresentadas vinculam forma e conteúdo, traçando novos caminhos na construção do conhecimento. No trabalho elaborado por FREITAS (2022) novos arranjos da sala de aula são propostos a partir das pesquisas da influência do ambiente no processo de ensino e aprendizagem. Os modelos contradizem a estrutura padrão de estudantes enfileirados ao agrupar em círculos em equipes de média 5 estudantes, possibilitando os diálogos e distintas dinâmicas. Apesar deste método não ser uma novidade, pouco se observou nas escolas no decorrer da participação no programa PIBID e por isso trazemos para reflexões posteriores.



A partir dessa proposta é possível seguir alguns caminhos, na qual os grupos menores possibilitam debates qualitativos em torno de um material guia (textos, vídeos, imagens, etc) num mesmo eixo temático e ao final, voltam a discussão ao coletivo em busca de conclusões. Neste cenário, o docente é apenas um mediador, incentivando e guiando as discussões, que são construídas através das percepções e vivências dos/das estudantes (FREIRE, 2003).

Outra metodologia que tem como base a reconfiguração do formato da sala de aula e possui impactos positivos - especialmente com a redução do número de estudantes por turma - é a *Roda de Conversa*. Ao contrário da divisão em subgrupos, esta propõe um debate coletivo desde o princípio. Tal arranjo também foi experienciado através das práticas do PIBID e possibilita a troca de experiências e cosmovisões, a formação crítica e maior interação entre os discentes e o/a docente, desconstruindo a figura do/a professor/a como transmissor do conhecimento e partindo do princípio de construção coletiva dos saberes (FREIRE, 2003; MOURA, 2024). Ambas as propostas apresentadas rompem com a ideia de formação de indivíduos servis, dóceis e condicionados.

Para além da sala de aula, outra possibilidade para desaplicar a tecnologia da disciplina é o uso de outros espaços escolares como salas de aula ao ar livre, bibliotecas e pátios. Na vivência do PIBID Interdisciplinar em Educação Socioambiental e Decolonial, essas alternativas foram exploradas. Como resultados, observou-se maior interesse dos/das estudantes e empolgação com o “sair da sala”. Não sendo imune a reflexões, tais abordagens também enfrentaram desafios com o número excessivo de estudantes por turma.

As propostas organizativas aqui citadas não podem ser isentas do seu vínculo com demais aspectos do universo escolar: o currículo também se entrelaça nesse debate. Como discorrido anteriormente, as instituições de ensino estão inseridas na reprodução do atual sistema social, e por isso, analisar criticamente sua composição é necessário para dialogar com outras possibilidades. *O que está sendo ensinado?* As metodologias aqui propostas permitem que as distintas - e tão similares - realidades dos/das educandos sejam colocadas no centro do debate, rompendo com a formação de indivíduos acríticos. Para que tal efeito seja ainda mais grandioso, uma reestruturação do currículo é necessária: também através do programa PIBID Interdisciplinar realizou-se estudos sobre o “Chão-da-Escola” cujo os principais resultados demonstraram o apagamento histórico de saberes, culturas e povos, evidenciando o atual currículo escolar como uma tecnologia colonizadora moldada pelo e para os interesses neoliberais.



Neste cenário, a participação de toda a equipe envolvida na gestão escolar é indispensável. Para rompermos com esse modelo escolar e caminhar rumo à educação transformadora, emancipatória e que seja pertinente aos interesses das comunidades e melhoria na qualidade de vida da sociedade, o envolvimento direto daqueles que estão cotidianamente experienciado a escola é essencial, assim. A participação democrática de professores na construção do currículo e dos espaços escolares deve estar no centro dos debates, assim como o poder de decisão sobre quaisquer demandas sobre educação: orçamentos, organização e principalmente: propósito.

SAVIANI (2025) em sua obra “Educação, pedagogia histórico-crítica e BNCC” traz em um dos capítulos quais foram as contribuições de Karl Marx para a educação acrescentando suas próprias. Em suma, sente-se a necessidade de repensar todo o atual modelo para que a educação sirva aos interesses populares e não a lógica capitalista. Desconstruir e reconstruir é o convite deste relato. E neste caminho a prática da educação emancipatória promove a esperança de mudanças reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar e de abordagem socioambiental e decolonial permite, para além de se inserir no cotidiano escolar, as reflexões e estudos para que não sejamos condicionados à reprodução acrítica. É através das observações - participantes ou não - e dos diálogos que se elabora sobre todo o cosmos escolar, o que se reflete na atuação prática, envolta de estudos e teorias que fortalecem o processo formativo de futuros/as educadores. Ainda, a inserção do programa nas escolas também auxilia professores que já atuam no desbravar de novas propostas.

Por fim, com este relato pretende-se participar do movimento de estudantes e educadores que desbravam os diálogos a novas possibilidades.

AGRADECIMENTOS

A Yanina Micaela Sammarco, minha orientadora que abraçou minhas escritas e elaborações desde o princípio. Aos meus camaradas, que me incentivam cotidianamente a seguir elaborando.



REFERÊNCIAS

BERNARDO, Mariana. **A influência da disposição da sala de aula na participação dos alunos no Ensino de Português e Inglês**. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade NOVA de Lisboa (Portugal).

DE MELLO, Alberto et al. Considerações sobre a importância da turma no desempenho dos alunos em escolas municipais. **REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 5, n. 2, p. 1-8, 2007.

DE OLIVEIRA MORAES, Thyago. **ANÁLISE DA MÉDIA DE ALUNOS POR TURMA E TAXAS DE RENDIMENTO**.

DE PASSOS SOUSA, Nuno Sérgio Infante. **O impacto da redução do número de alunos por turma na prática letiva dos professores**. 2019. Dissertação de Mestrado. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987

GARCIA, Jeferson Diogo de Andrade; LAZARINI, Ademir Quintilio; BARBIERI, Aline Fabiane; MELLO, Rosângela Aparecida. **A origem da escola pública no século XIX: contraposição ou coerência com as necessidades do capital?** Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 10, n. 21, p. 177-190, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i21.6341>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/6341>. Acesso em: 15 mar. 2026.

GRAETZ, Ken A. **The psychology of learning environments**. Educause Review, v. 41, n. 6, p. 60-75, 2006.

LEONEL, Zélia. **Contribuição à história da escola pública elementos para a crítica de teoria liberal da educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação Unicamp, Campinas, 1994.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. 176 p. (Coleção Marx-Engels)

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95, 2014.

PINTOCO, Vanessa Moreira. **Visão do professor sobre o número de alunos por turma: uma contribuição para a melhoria da qualidade da educação**. 2017. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico do Porto (Portugal).

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 1986.



SAVIANI, Dermeval. **Educação, pedagogia histórico-crítica e BNCC**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2025. 238 p. ISBN 9786558911647.

SILVA, Thayane Ellen Machado da et al. **Restauração conservadora na educação: um estudo sobre o projeto das escolas cívico-militares no Brasil**. 2021.

